

Partidos adiam corrida ao Planalto

Reeleição fortalece FH e torna mais difícil escolha de candidatos para enfrentá-lo nas urnas

Aziz Filho

Qual é o político brasileiro que se dispõe a enfrentar nas urnas um presidente com direito a se candidatar sem deixar o cargo, maioria esmagadora no Congresso e aliança garantida com os maiores partidos, condutor do mais duro plano de estabilização que o país já conheceu e que goza de bons índices de popularidade? Ninguém, pelo menos por enquanto. O fortalecimento do presidente Fernando Henrique Cardoso com a aprovação da emenda constitucional da reeleição está tirando da corrida presidencial todos os nomes que os grandes partidos, do PT ao PPB, já teriam lançado em condições normais.

No PT, o ex-prefeito Tarso Genro, estrela de primeira grandeza e alternativa número um a Luiz Inácio Lula da Silva, dá sinais de recuo. Ele diz que seu nome está à disposição do PT do Rio Grande do Sul como possível candidato a governador. O próprio Lula impõe condições difíceis de serem concretizadas para se candidatar, entre elas a de uma aliança com todos os partidos de esquerda e mais os setores que o PT situa no centro de sua bússola ideológica.

No PPB, ninguém aposta mais na candidatura do ex-prefeito Paulo Maluf, apesar da torcida do ex-governador Orestes Quércia (PMDB), que quer tirá-lo do páreo da sucessão do governador Mário Covas (PSDB).

Brizola prefere unidade da esquerda em vez de candidatura

O pedetista Leonel Brizola nem pensa em nova tentativa depois da péssima performance das eleições de 1994, quando ficou atrás de Enéas Carneiro, que, por sinal, ainda não foi escolhido pelo Prona para ser o candidato. Brizola quer apoiar o PT e não perde oportunidade para fazer apelos à unidade da esquerda. Os brizolistas irritados com a versatilidade ideológica de Jaime Lerner (PDT) aproveitam para provocá-lo, dizendo que chegou a hora de apresentar sua candidatura. Mas o governador do Paraná, até o ano passado cotadíssimo para substituir Brizola no plano nacional, vai mesmo tentar a reeleição.

No último dia 20, em visita às cidades de Marau e Guaporé, colônias italianas no interior do Rio Grande do Sul, Tarso Genro recebeu um documento com mais de 500 assinaturas pedindo que se mantenha dentro das fronteiras gaúchas para enfrentar nas urnas do próximo ano o governador Antônio Britto (PMDB). O PT regional está dividido entre lançar ao Palácio Piratini Tarso ou seu antecessor na Prefeitura de Porto Alegre, Olívio Dutra, que perdeu para Britto em 1994.

— Do ponto de vista pessoal, seria mais natural que eu me candidatassem a governador do meu estado, mas não excluo nenhuma possibilidade, nem mesmo a de continuar como simples militante, construindo um projeto para o PT contrapor ao neoliberalismo. Nem Olívio Dutra nem eu estamos disputando a legenda ainda, mas nossos nomes estão à disposição do partido para concorrer ao Governo estadual — diz Tarso, que não compareceu ao encontro dos partidos de esquerda promovido recentemente em vitória pelo governador do Espírito Santo, Vitor Buaiz (PT), com o objetivo de iniciar a formação de uma frente única contra Fernando Henrique Cardoso e seu plano econômico.

Tarso e Genoíno já descartam aliança com partidos de centro

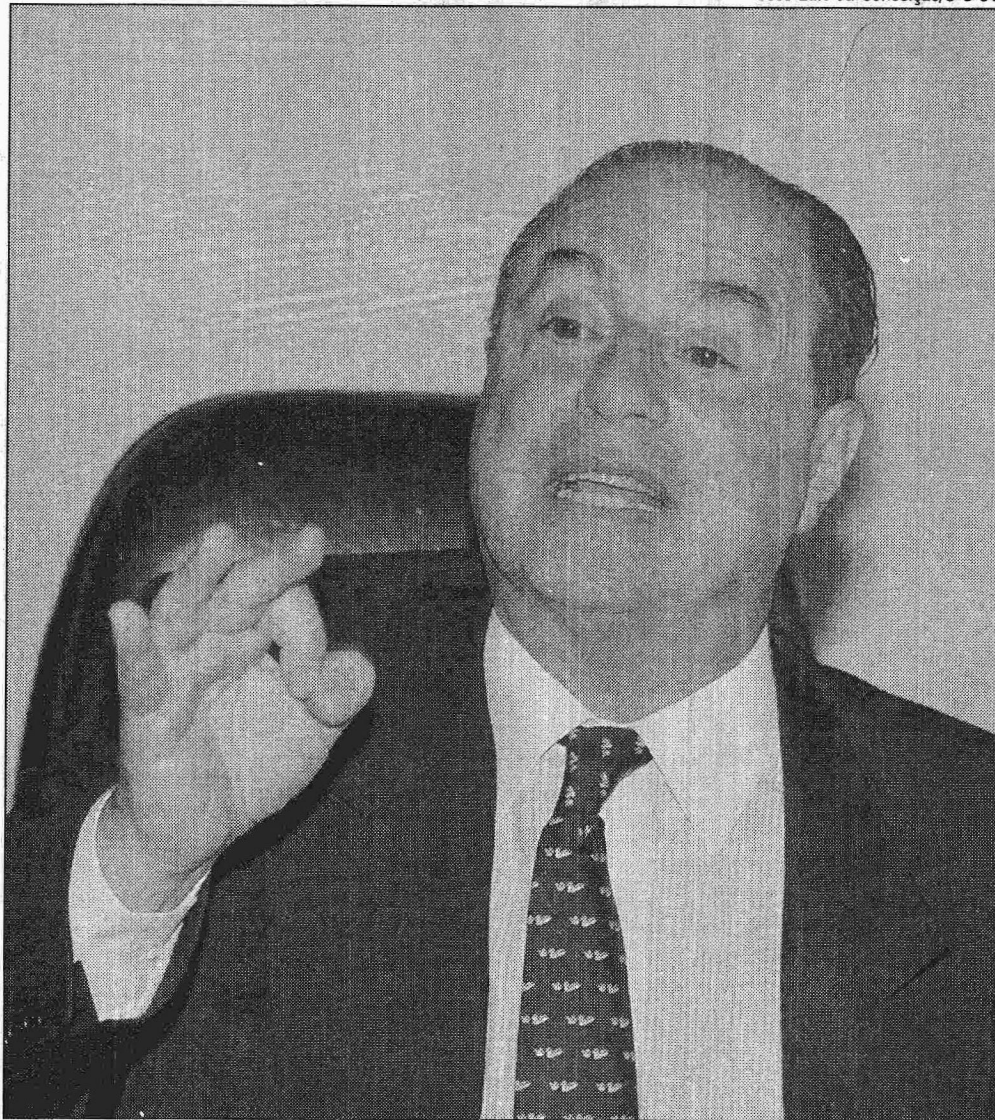
Tarso diverge de Lula quanto ao perfil que o candidato do PT em 1998 deverá encarnar para tentar a Presidência. Lula diz que só será candidato se tiver o apoio não só das forças que com ele perderam as eleições presidenciais de 1989 e 1994, mas também de correntes políticas de centro. É a mesma condição que alguns partidos, como o PPS, impõem para seguir os rastros do PT no próximo ano. O senador Roberto Freire (PPS-PE), que freqüentemente vota com o Governo, é claro:

— Formaremos uma aliança se ela tiver um projeto objetivo de futuro, e não com base em papéis e glórias que tivemos no passado — diz ele, sugerindo a união com que as esquerdas acenam há décadas e que nunca saiu do discurso.

No encontro de Vitória, Freire provocou os representantes de outros partidos, especialmente do PT, ao cobrar atitudes que, no seu entender, a esquerda deveria ter tomado para estar em situação menos complicada hoje, como participar do Governo Itamar Franco — de quem Freire foi líder na Câmara dos De-

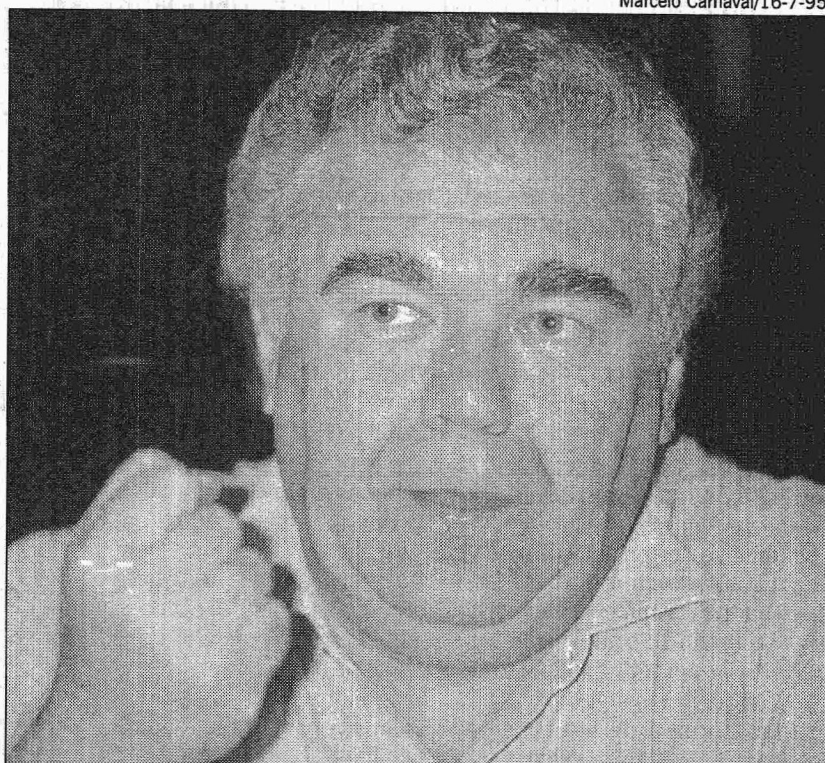
POSSÍVEIS CANDIDATOS QUE AINDA RELUTAM A PARTIR PARA A DISPUTA

José Luís da Conceição/3-5-96



PAULO MALUF: visitas ao interior como provável candidato do PPB ao Governo de São Paulo

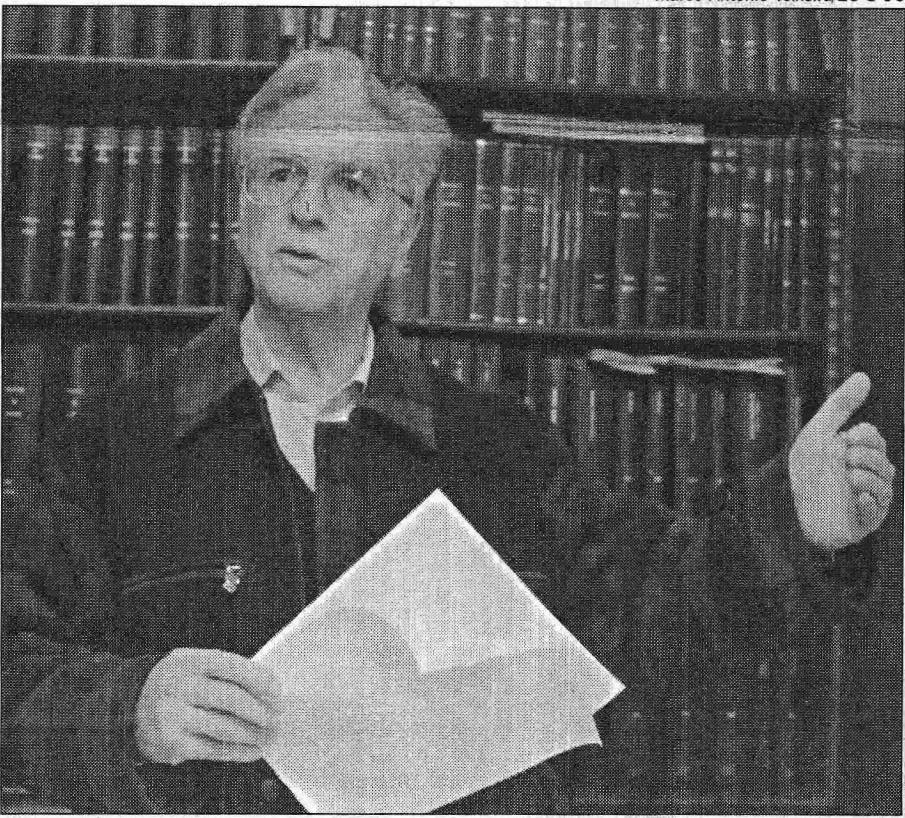
Marcelo Carnaval/16-7-95



JAIME LERNER: de olho na reeleição para continuar governando o Paraná

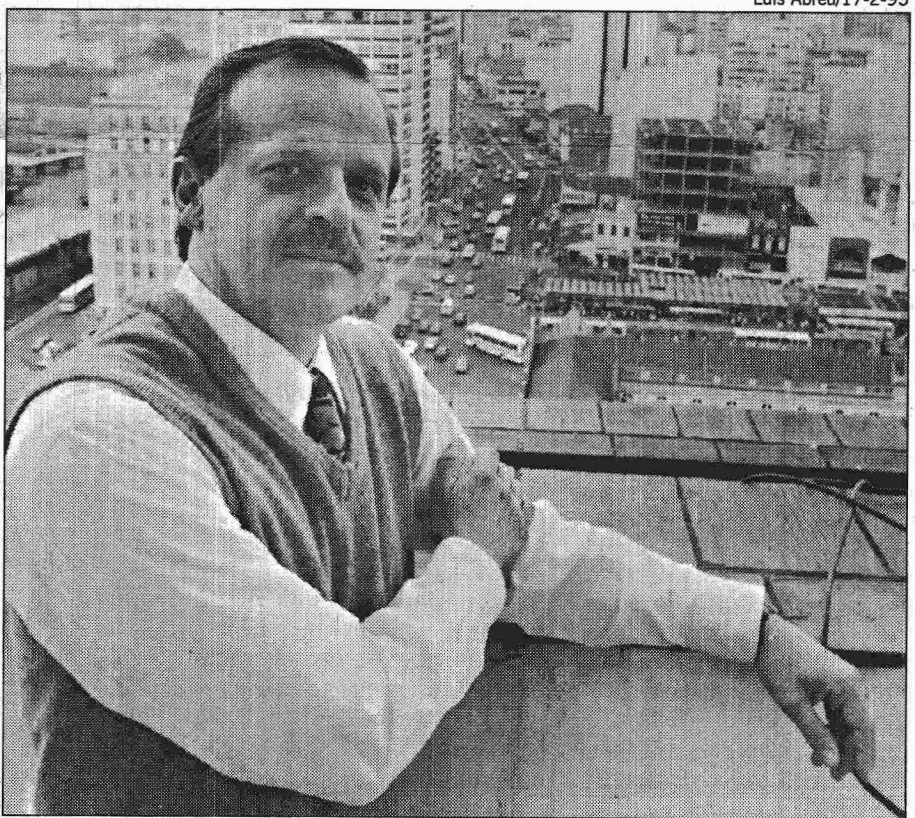
• **FUGINDO DA RAIA:** Candidatos certos à Presidência até a aprovação da reeleição recuam diante do fortalecimento de Fernando Henrique Cardoso, que acumulará a campanha política com o exercício do mandato. Enquanto Jaime Lerner já comunicou ao PDT que vai tentar a reeleição como governador do Paraná, descartando ser o candidato da oposição ao Governo federal, o ex-prefeito Paulo Maluf começou a visitar o interior e a levar a sério os apelos dos pepebistas para adiar novamente o sonho presidencial. Tarso Genro pôs o nome à disposição do partido para o Governo gaúcho e Itamar Franco continua quieto, com cargo no Governo federal e sem filiação partidária.

Marco Antônio Teixeira/20-8-96



ITAMAR FRANCO: sem partido político e como representante do Brasil na OEA

Luís Abreu/17-2-95



TARSO GENRO: com o nome à disposição do PT para disputar o Governo gaúcho

putados — e do processo de revisão constitucional. As observações feitas pelo senador durante discursos de políticos mais nacionalistas — como o líder do PDT na Câmara, deputado Matheus Schmidt (RS) — deram uma idéia dos obstáculos à montagem de uma candidatura única à Presidência.

— Vocês viram o discurso do líder do PDT? É de um nacionalismo da década de 1950. Assim não dá — resmungava. Enquanto Lula e Freire defendem a atração de setores mais moderados para o programa alternativo que pretendem construir, estrelas petistas como Tarso e o deputado José Genoíno (SP) caminham em sentido inverso. Para eles, o carimbo do candidato petista deve ser outro, o da esquerda.

— A fase de atração do centro foi em 1994. Agora ele já está confortável com Fernando Henrique e a direita, e não virá conosco — diz Genoíno. — Haverá mesmo uma polarização. Podemos até ficar mais fechados do que em 1989 e 94 porque o problema agora não é aliança, é discurso. Será difícil derrotar Fernando Henrique agora, mas podemos nos fortalecer, elegendo governadores e grandes bancadas para derrotá-los mais adiante. Para mim, a pessoa mais preparada para isso é Tarso Genro. Vamos à luta sem a angústia de ter de ganhar, mas com a tarefa de fazer bonito no discurso e no voto. Lula é que não pode ser candidato-tampão pela terceira vez — afirma, referindo-se à declaração de Tarso, na última reunião do Diretório Nacional, de que se recusaria a ser um candidato-tampão à Presidência.

— Não serei candidato para demarcar nada. Nosso candidato deve ser para governar mesmo, sem postura de capitulação. Deve ser forte e com capacidade de fazer um grande debate com Fernando Henrique. Para mim, é Lula. Mas, se o PT achar que deve me escolher, não tenho direito de fugir à responsabilidade — diz Tarso.

Andando pelo país e pelo mundo em busca de subsídios para o programa que o PT tenta construir para se contrapor ao que chama de neoliberalismo, Tarso alinha três premissas que considera fundamentais: inserção do país de forma soberana na economia internacional, solução alternativa para a dívida interna e estabelecimento da poupança interna e da capacidade de refinanciamento do Estado como âncoras de um plano de estabilidade da moeda — tudo isso, segundo ele, aliado a uma reforma do Estado, expressão que a esquerda não deveria ver como tabu.

Tarso despreza a possibilidade de Jaime Lerner ser o candidato das esquerdas. Segundo o petista, Lerner é “um tecnocrata neoliberal” e não teria divergências com o programa de Fernando Henrique para polemizar numa campanha. A observação é dispensável. Lerner avisou ao seu grupo político que disputará a reeleição, adiando mais uma vez o projeto presidencial. Sua base política é realmente semelhante à que sustenta Fernando Henrique. Ex-defensor da candidatura de Lerner a presidente da República, o deputado Luciano Pizzato (PFL) mudou o discurso:

— Se não houvesse reeleição, eu

apoiaria Lerner, mas esta possibilidade não deve mais ser considerada.

Paulo Maluf, o mais agressivo crítico da emenda da reeleição, pisou no freio da velha ambição e começou a visitar o interior de São Paulo com jeito de candidato a governador. No PPB, prevalece a opinião de que é melhor garantir espaço na arca de Fernando Henrique, deixando a briga para os limites paulistas, do que enfrentar o presidente com a canoa do ex-prefeito. Maluf ainda não jogou a toalha de vez porque acalenta a esperança de que o Plano Real não chegue com tanta popularidade a 1998.

— A situação hoje é bastante favorável a Fernando Henrique e desastrosa para a oposição, mas pode mudar. Nem tudo está perdido — tenta resistir o deputado Arnaldo Faria de Sá (PPB-SP), malufista roxo.

Se dependesse de Orestes Quércia, Maluf continuaria candidato a presidente. Um dia após a aprovação da emenda da reeleição, Quércia o classificou como único político em condições de enfrentar Fernando Henrique. Para Quércia, interessado em tirar Maluf do páreo estadual, “nenhum outro partido tem um candidato forte como o PPB”.

O governador de Tocantins, Siqueira Campos, que se rebelou contra Maluf na votação da emenda, vai direto ao assunto, como têm feito os pepebistas atraídos pelo canto de Fernando Henrique. Segundo Campos, o embate no Congresso evidenciou que Maluf lidera o PPB em São Paulo, mas não nacionalmente. Outro pepebista rebelde, o ministro da Indústria e Comércio, Francisco Dornel-

les, confortavelmente instalado numa poltrona federal, avisa aos malufistas que este não é para o PPB um ano de construção de candidaturas, mas de negociações com o Governo para a aprovação das reformas.

O senador Esperidião Amin (PPB-SC) afirma que, se o Plano Real continuar forte em 98, o PPB apoiará Fernando Henrique.

— A teimosia dele (Maluf) é conhecida. Só espero que depois não venha dizer que foi traído — disse Amin em recente entrevista ao GLOBO.

O ex-presidente Itamar Franco, outro presidencialista, está tão fora da corrida que nem largou o cargo que ocupa no Governo — de representante do Brasil na Organização dos Estados Americanos (OEA), em Washington — nem assinou a ficha do PMDB, partido que o assedia mas que, a cada dia, se alinha mais com o Governo.

O reconhecimento da força eleitoral de Fernando Henrique levou o nacionalista Aparecido de Oliveira, um dos maiores amigos de Itamar Franco, a convidar em janeiro o presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Barbosa Lima Sobrinho, a repetir o papel de anticandidato, como na campanha de Ulysses Guimarães — com Barbosa de vice — contra o general Ernesto Geisel no Colégio Eleitoral do regime militar. A hipótese foi levantada por Aparecido, na presença de Brizola, na casa de Barbosa, dias antes de o jornalista completar cem anos de idade.

— Estou velho demais para isso — respondeu o presidente da ABI. ■